

Angola vai produzir milhos desenvolvidos pela Epagri

Em breve a Angola estará colhendo três variedades de milho desenvolvidas pela Epagri: SCS154 Fortuna, SCS156 Colorado e SCS155 Catarina. É que a Empresa vendeu 4,6 toneladas de sementes para a fazenda Kambonbo, que fica no país africano. A exportação aconteceu em dezembro, via porto de Navegantes.

O interesse da fazenda angolana pelos milhos da Epagri é devido a suas características genéticas. A legislação do país proíbe o cultivo de milho híbrido. As sementes da Epagri são variedades de polinização aberta (VPA). Também chamadas de varietal ou variedades melhoradas, essas sementes são resultado de cruzamentos de diversos tipos de cultivares, que podem ser materiais crioulos, variedades melhoradas ou híbridos. O importante é que tenham as características desejadas para a nova planta.

Uma das particularidades que diferencia o milho varietal é sua maior plasticidade, ou seja, tem mais variabilidade genética. Ele pode sofrer com oscilações climáticas, doenças e pragas, mas apresenta mais estabilidade que o híbrido, evitando perdas maiores de safra. No caso dos híbridos, como as plantas são geneticamente muito parecidas, terão reações similares a situações de estresse, gerando perdas maiores.

O milho VPA ainda permite ao agricultor produzir a própria semente. No caso dos híbridos, o produtor rural também poderia selecionar grãos das melhores plantas para semear na

safra seguinte, mas isso resulta em expressiva queda de produtividade. Já as variedades da Epagri não perdem potencial produtivo. Recomenda-se, no entanto, ao agricultor que compre novas sementes das VPAs a pelo menos cada três anos, uma vez que as plantas podem perder suas características com o tempo.

Foram necessários pelo menos 12 anos de estudos para se chegar a cada um dos cultivares, desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar (Epagri/Cepaf), que fica em Chapecó. O Fortuna foi lançado em 2006, em 2009 chegou ao mercado o Catarina e em 2010 o Colorado. Os milhos



O baixo custo da semente é um dos diferenciais do milho VPA

variedade da Epagri têm potencial de rendimento muito alto, semelhante ao híbrido, acima de 10.000kg/ha, alguns chegam a 12.000kg/ha.

Negociação

A negociação entre a fazenda Kambonbo e a Epagri foi intermediada pela Merina Intercommerce Services, de Joinville. Genival Corrêa, sócio da empresa, conta que o proprietário da fazenda conheceu os milhos VPA da Epagri em eventos agrícolas do Brasil e fez a encomenda à empresa joinvilense.

Segundo Genivaldo, a Kambonbo é uma fazenda que emprega alta tecnologia para produzir principalmente milho para fubá, soja, feijão e batata inglesa. Com as 4,6 toneladas de sementes compradas da Epagri eles poderão semear 230 hectares de milho.

A Epagri faturou R\$27,6 mil com a negociação da semente, que foi comercializada ao preço de R\$6,00 o quilo, o mesmo valor praticado nas vendas aos agricultores catarinenses. O baixo custo da semente – até cinco vezes mais barata que uma híbrida – é um dos diferenciais do milho VPA.

Em Santa Catarina os milhos varietais da Epagri são plantados principalmente no Sul do Estado e na região de Rio do Sul.■



Fotos: Nilson Taketa/Epagri

Milho varietal tem mais variabilidade genética e resiste melhor a situações de estresse

Composto orgânico contribui para controle de doença do tomateiro

A partir de três formulações diferentes do composto orgânico fermentado chamado *bokashi*, um experimento conduzido por pesquisadores da Embrapa Hortaliças (DF) comprovou que o aporte de matéria orgânica no solo é capaz de reduzir o efeito negativo da bactéria *Ralstonia solanacearum*, causadora da murcha bacteriana no tomateiro e agente nocivo para mais de 200 espécies vegetais. O uso de *bokashi* propicia o aumento dos microrganismos presentes no solo que competem com a bactéria, dificultando sua reprodução.

A lógica por trás desse resultado remonta ao fundamento da física de que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo, o que se conhece por princípio da impenetrabilidade. Na zona do solo influenciada pelas secreções das raízes, conhecida como rizosfera ou segundo genoma da planta, há uma vasta fauna microbiana composta por microrganismos como fungos, bactérias e algas. Um único grama de solo pode conter milhões de células de uma infinidade de microrganismos que competem de forma bem acirrada por nutrientes e por espaço em busca de sobrevivência.

Com o aumento dos microrganismos que a combatem, a população da bactéria *Ralstonia* é reduzida, diminuindo a severidade dos danos da doença no tomateiro. Porém, na prática, a relação de causa e efeito não é tão simplista, pois depende do tipo de solo, da formulação do *bokashi* e de outros aspectos que os cientistas buscaram mensurar na pesquisa.

“O diferencial desse estudo foi avaliar o comportamento de três formulações de *bokashi* em dois tipos de solo: naturalmente infestado e artificialmente infestado – após esterilização e inoculação da bactéria nociva”, explica o agrônomo Carlos Alberto Lopes, da área de Fitossanidade da Embrapa Hortaliças.



Uso de bokashi dificulta reprodução de bactéria que ataca tomateiro

Os resultados comprovaram a hipótese inicial: no solo esterilizado, sem a presença de microrganismos benéficos e com a infestação artificial, a bactéria *Ralstonia* não encontrou competidores e pôde se estabelecer com facilidade, ocasionando maior incidência da doença nas plantas de tomate. Por outro lado, no solo nativo que já possuía uma população espontânea de microrganismos, inclusive da bactéria *Ralstonia*, o *bokashi* foi mais eficiente em restabelecer os microrganismos benéficos do solo e suprimir a ocorrência da murcha bacteriana.

Qual é a fórmula certa?

O efeito supressivo no tomateiro variou também de acordo com a formulação do composto orgânico: *bokashi* à base de cama de aviário, *bokashi* de esterco de gado e *bokashi* desenvolvido pela Embrapa (composição mista de esterco de ave e gado). No solo infectado artificialmente, não houve variação

estatística para nenhum dos três tratamentos com *bokashi*, mas no solo com infestação natural o *bokashi* de cama de aviário e o *bokashi* da Embrapa apresentaram menor número de plantas infectadas que o *bokashi* de esterco de gado. Foi possível observar, segundo Lopes, que diferentes tipos de *bokashi* teriam capacidade diferenciada de controlar a murcha bacteriana pela adição de espécies de microrganismos antagonistas à bactéria *Ralstonia*.

O melhor resultado ocorreu no tratamento com o *bokashi* formulado pela Embrapa: na média das repetições do experimento, somente 0,25 planta foi infectada. “Não é possível determinar que o uso de qualquer formulação de *bokashi* possa ter efeito supressivo no solo contra a *Ralstonia*, porque os resultados obtidos dependem da formulação do composto orgânico para diminuir a ação da bactéria”, conclui o agrônomo Carlos Lopes. Logo, a resposta para aquela pergunta acima é: não há fórmula exata. ■

Laboratório de análise de tecido vegetal mantém selo de qualidade

O laboratório de análise de tecido vegetal da Estação Experimental da Epagri em Caçador manteve para 2018 o selo de qualidade do trabalho que realiza. O selo faz parte do Programa Interlaboratorial de Análise de Tecido Vegetal, coordenado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP).

O selo garante que as análises realizadas pela unidade são confiáveis e podem ser usadas como parâmetro para definir manejos na agricultura catarinense, esclarece Bianca Schweitzer, química da Epagri e responsável pelo laboratório. Ela explica que a análise foliar é um método mundialmente reconhecido e recomendado para verificar o estado nutricional da planta. A análise permite verificar se o adubo aplicado supriu as necessidades da planta e se existe excesso de algum nutriente. Com base nessa avaliação o agricultor poderá

ajustar seu programa de adubação para atingir maior produtividade sem agredir o meio ambiente.

Esse é o único laboratório de Santa Catarina a prestar esse tipo de serviço. A cada ano são analisadas mais de mil amostras para agricultores e cerca de quatro mil sob encomenda de pesquisadores, revela Bianca. A unidade conta com uma equipe de quatro profissionais, que inclui a química, técnicos e auxiliares.

O Programa Interlaboratorial de Análise de Tecido Vegetal consiste na coleta, preparo e envio anual de amos-

tras prontas para serem analisadas pelos laboratórios participantes. No total, são encaminhadas todo ano 16 amostras de tecido vegetal para cada laboratório, identificadas só por uma numeração, a fim de aumentar a segurança e a confiabilidade dos resultados.■



O laboratório analisa, em média, cinco mil amostras por ano

Escritórios municipais passam a atuar como Correspondente Bancário do Pronaf

A té março a Epagri terá habilitado 70 escritórios municipais para atuarem como Correspondente Bancário do Pronaf (Coban) em Santa Catarina. A primeira unidade passou a funcionar no final de novembro, em São José do Cerrito, no Planalto Serrano. A expectativa é de que até final de 2018 todos os escritórios municipais estejam

habilitados para o serviço.

O objetivo da Epagri e das instituições bancárias com a instalação dos Coban é facilitar o acesso ao Pronaf pelos agricultores familiares. Eles poderão encaminhar as propostas diretamente ao correspondente, onde contarão com o apoio de profissionais (engenheiros-agrônomo e técnicos agrícolas) para

a definição dos investimentos a serem realizados em seus empreendimentos.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País.

Santa Catarina é um dos Estados com maior número de contratos do Pronaf proporcionalmente ao número de famílias. Na safra 2016/17 foram 73.302 contratos de custeio e 23.632 contratos de investimento, num total de 96.967. Com o correspondente Pronaf, esse número deverá ser ultrapassado na atual safra, beneficiando principalmente os agricultores que tradicionalmente têm menor acesso a essa política pública de desenvolvimento rural.■



Coban beneficia principalmente agricultores que tradicionalmente têm menor acesso ao Pronaf

Brasil ganha certificadora de ovos caipiras

O Instituto Certified Humane Brasil acaba de lançar a primeira certificação de ovos caipiras, com base na norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 16437). A organização, que certifica empresas e produtores com o selo *Certified Humane*® de bem-estar animal, agora também certificará os produtores de ovos caipiras. “Percebemos que existe uma quantidade crescente de produtos no mercado com a identificação de ovos caipiras na embalagem, mas ainda não existe uma garantia ao consumidor de que aqueles ovos foram de fato produzidos dentro de normas que os caracterizem como caipiras”, afirma o diretor-geral do *Certified Humane* Brasil, Luiz Mazzon.

O selo já certifica os produtores que seguem normas específicas de bem-estar animal para galinhas poedeiras e, aos produtores que permitem o acesso das aves à uma área externa, oferecia as opções de certificação dos sistemas de criação *free range* e a pasto. Agora, com a inclusão do sistema caipira de criação, serão três as opções de certificação para produtores que permitem que as galinhas deixem por algumas horas os galpões onde vivem ao abrigo do clima adverso e dos predadores, e com todas as condições apropriadas para uma vida confortável.

Categorias de certificação

Normas específicas de bem-estar animal	Produtores que seguem normas específicas de bem-estar animal para galinhas poedeiras
<i>Free range</i> ou a pasto	Produtores que permitem o acesso das aves à uma área externa
Parcialmente fora de galpões e abrigos	Produtores que deixam as galinhas por algumas horas fora de galpões e de abrigos contra o clima adverso e predadores



Necessidade de identificação resulta da mudança de comportamento do consumidor

Todos esses métodos, além do sistema de criação de galinhas livres dentro de galpões, são medidas contra os problemas existentes na chamada criação convencional, como a superpopulação. Na criação convencional, o número de aves pode ser superior a 25 aves por metro quadrado, diferentemente do que ocorre no sistema de criação que pode obter o certificado de bem-estar animal. Da forma convencional, as galinhas não têm acesso ao ambiente externo nem podem expressar seu comportamento natural, como abrir as asas, subir em poleiros, tomar banhos de areia ou realizar a postura em ninhos. Tudo isso resulta em estresse e desconforto para as aves.

“As mudanças de comportamento do consumidor, que vem exigindo das empresas um tratamento mais humano em relação aos animais de produção, é a mola propulsora desta nova forma de criação. Acredito que a mudança veio para ficar”, afirma Mazzon. Ele lembra que muitas grandes empresas de alimentos já estão exigindo esta mudança, mas até agora não existia uma forma de garantir a essas empresas, e mesmo aos consumidores finais, que a criação das aves era realmente feita sob o sistema caipira de produção. Essa garantia é possível apenas com a certificação por uma organização como o Instituto Certified Humane.

Uma característica importante a considerar é que essas opções de referência aos sistemas de criação caipira, *free range* ou a pasto, são sempre associadas ao padrão determinado para as galinhas poedeiras pelo programa *Certified Humane*, ou seja, todo produtor que buscar a certificação caipira, por exemplo, deverá se adequar às exigências do programa como um todo, não apenas às normas da ABNT.

Passo importante

Para a diretora técnico-científica da Associação Brasileira da Avicultura Alternativa (AVAL), Miwa Yamamoto Miragliotta, essa certificação representa um importante passo na regulamentação da cadeia produtiva das aves caipiras. “Esta norma foi elaborada por vários representantes da sociedade (produtivo, regulatório, pesquisa, consumidor e fornecedores de insumos) para definir o que é um produto legitimamente caipira e segue com as mais recentes exigências sanitárias da produção avícola. “As normas da ABNT precisam ser inseridas pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) dentro de um sistema maior de inspeção e registro de produto. Quando houver esse reconhecimento, alcançaremos o objetivo maior da AVAL: a redução das fraudes no setor”, destaca Miwa. ■

Comunicação da Epagri vira exemplo para o país e o mundo

O trabalho de comunicação da Epagri acaba de se tornar um exemplo para o Brasil e o mundo ao ser adicionado à Plataforma de Boas Práticas para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO/ONU). A plataforma é um espaço de disseminação e compartilhamento de iniciativas replicáveis de boas práticas desenvolvidas na Região Sul do Brasil.

O Sistema de Comunicação Integrada para Divulgação de Assuntos do Meio Rural da Epagri foi o primeiro a ser incluído na área temática “Comunicação Rural e TI” da plataforma. “A inclusão da Epagri como pioneira nessa área temática prova que há 40 anos a Empresa tem trilhado o caminho correto para difundir sua mensagem de desenvolvimento sustentável para os meios rural e urbano”, avalia o Gerente do Departamento de Comunicação e Marketing da Epagri, Gabriel Berenhauser Leite.

O sistema reúne todas as mídias que a Epagri utiliza para difundir sua mensagem: revista, TV rádio, internet e redes sociais. Para falar com públicos variados, em especial o rural e o pesqueiro de Santa Catarina, a Empresa criou uma série de canais. Essas ferramentas de comunicação são geridas de forma integrada: respeitada a pertinência de cada assunto, as pautas são compartilhadas entre os veículos e apresentadas em diferentes formatos, adaptadas às características de cada meio.



Produção de leite à base de pasto também foi incluída na plataforma de boas práticas

Por meio de uma estratégia integrada de comunicação e a aplicação no campo por meio da extensão rural, essas tecnologias proporcionam maior produtividade agropecuária, de maneira sustentável, com agregação de valor aos produtos e melhoria na qualidade de vida dos catarinenses. Os meios de comunicação utilizados pela Epagri aproximam as pessoas da pesquisa agropecuária e extensão rural, seja pelas informações técnicas, seja pela simplicidade e facilidade de acesso às informações.

Leite sustentável

A experiência da Epagri com Unidades de Referência Técnica (URTs) que

produzem leite à base de pasto utilizando manejo rotativo de pastagens também foi incorporada à plataforma. Graças a esse conjunto de recomendações de manejo, as propriedades conseguiram elevar a produtividade de leite de 4 para até 13 litros por dia, produzindo até 15 mil litros por hectare em um ano. Também foram constatadas melhoria no bem-estar dos animais, redução na incidência de mastite no rebanho, melhoria na qualidade do leite, aumento da renda e da qualidade de vida dos produtores, entre outras vantagens.

URTs são propriedades particulares selecionadas para servirem como modelo para outros agricultores da região. Os agricultores donos de URTs recebem orientação e acompanhamento periódico da Epagri, até que a produção alcance os patamares desejados.

Atualmente a Epagri conta com 242 URTs de leite à base de pasto, distribuídas por 133 municípios catarinenses. Mais de 45% dos municípios do Estado contam hoje com uma Unidade, a maior parte delas na Região Oeste, um importante polo produtor de leite do Sul do Brasil.

Graças a iniciativas como essa, Santa Catarina conquistou em 2017 a posição de quarto maior produtor de leite do Brasil, superando Goiás, um tradicional fornecedor do produto.

Conheça a plataforma: <http://boaspraticas.org.br> ■



Plataforma criou nova área temática para contemplar a comunicação da Epagri

SC Rural impulsiona agricultura familiar catarinense

Entre os anos de 2010 e 2017 o Programa Santa Catarina Rural (SC Rural) investiu US\$189 milhões no Estado. A Epagri, como uma das principais executoras do Programa, teve uma participação importante nesse resultado.

O SC Rural foi uma iniciativa do governo estadual com financiamento do Banco Mundial (BIRD), que investiu US\$90 milhões na proposta. O restante foi oriundo de recursos orçamentários do Estado. Por meio das ações do programa, organizações rurais e agricultores familiares foram estimulados a melhorar seus negócios.

Entre as diversas instituições envolvidas na execução da SC Rural, a Epagri foi a que manteve um contato mais direto com os agricultores, realizando capacitações, desenvolvendo projetos e pesquisas e preparando esse público para colher os melhores resultados possíveis da iniciativa.

Entre 2010 e 2017, a Epagri capacitou 98 mil famílias por meio do programa. Foram fortalecidas 259 redes de cooperação ou cooperativas. Nesse período, a Empresa implantou 1.685 Unidades de Referência Técnica (URTs). Essas unidades são propriedades de agri-

cultores, escolhidas pelos profissionais da Epagri para implantação de novas tecnologias. Depois de estarem atuando dentro dos parâmetros técnicos esperados, as URTs passam a ser usadas como modelo para difusão de tecnologias entre produtores rurais da região.

Competitividade

O Programa SC Rural teve como foco aumentar a competitividade das organizações dos agricultores familiares de Santa Catarina e contou com duas formas principais de benefícios financeiros aos agricultores e seus empreendimentos. “Uma delas através de projetos estruturantes, incluindo investimentos coletivos necessários apontados pelas organizações, visando à solução dos problemas e buscando atingir o objetivo central do projeto em melhorar a competitividade e a inserção dos agricultores e suas organizações no mercado. Esse apoio incluía melhoria de empreendimentos rurais, construção ou recuperação de estradas, fortalecimento da organização e estrutura das cooperativas, implantação de conexão de internet, entre outros” explica a Gerente do Departamento da Extensão

da Epagri, Edilene Steinwandter. Foram 723 empreendimentos adequados ou melhorados.

Além desses empreendimentos, mais 59 mil famílias foram apoiadas financeiramente para melhorar a estrutura produtiva da propriedade. “Nesse aspecto entraram melhorias de estábulos, cercas e outras providências práticas que pudessem levar a um incremento de produção”, esclarece Edilene.

O trabalho com jovens foi outro ponto forte do SC Rural. A Epagri capacitou no período 1.802 jovens, superando em 4% a meta proposta. Foram 55 cursos, dois encontros estaduais e quatro macrorregionais, com 2.285 jovens apoiados com kits informática que incluíam notebooks e impressoras para uso na gestão dos negócios.

Graças ao SC Rural, a Epagri pode atender 1.437 escolas com educação ambiental e realizar 1.320 oficinas sobre o tema com alunos e professores. Ainda foram realizadas 11 edições do Prêmio Epagri Escola Ecologia, envolvendo 141 unidades de ensino.

No período de execução do SC Rural também foi traçada uma estratégia pioneira dentro de Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA), com efetivação de dois corredores ecológicos no Estado. Os proprietários rurais, responsáveis pela manutenção de áreas naturais conservadas ou em recuperação, recebem uma remuneração anual como pagamento pelo serviço prestado. No total, entre corredores ecológicos e PSA, foram contratadas áreas de 281 famílias, que compreendem 1,6 mil hectares preservados.

O programa também atendeu comunidades indígenas com o Plano de Desenvolvimento da Terra Indígena. Foram atendidos 1.960 indígenas de diversas etnias e desenvolvidos oito projetos estruturantes, que beneficiaram 411 famílias com investimento de R\$1,5 milhão. O trabalho com esse grupo resultou ainda em sete publicações e um vídeo.

O programa deu apoio ainda à pesquisa da Epagri, financiando 37 projetos, 16 dos quais utilizaram a metodologia participativa. ■



Programa capacitou 1.802 jovens agricultores e pescadores, superando em 4% a meta

Foto: Alex Marigo/Epagri

Pesquisas com pastagens avançam na Estação Experimental de Lages

A contratação de novos pesquisadores permitiu à Epagri acelerar pesquisas para desenvolvimento de plantas forrageiras melhoradas geneticamente, que seguiam em ritmo mais lento desde a década de 1990. Os estudos estão sendo conduzidos pela Estação Experimental da Epagri em Lages (EEL) e o objetivo é lançar em breve cultivares de pastagens mais produtivos e com maior adaptação aos solos e climas regionais.

Nesta fase, a Epagri está trabalhando para melhorar as características dos cultivares de azevém-anual, festuca, capim-lanudo, cevadilha-serrana, lótus-serrano e trevo-branco.

“Essas melhorias podem ser feitas sem aumento dos custos de semente para o agricultor familiar e sem a necessidade de maior gerenciamento ou gastos com insumos”, explica Dediel Rocha, um dos novos pesquisadores da EEL dedicados à atividade de melhoramento genético de pastagens.

A pesquisa em melhoramento genético de plantas forrageiras é essencial para o desenvolvimento de cultivares adaptados aos mais diversos ambientes. O programa de melhoramento genético de forrageiras da Epagri teve início na década de 1970 e já lançou 16 cultivares de diferentes espécies.

Produtividade

Outro estudo, desenvolvido sob coordenação da pesquisadora Vanessa Ruiz Favaro, demonstrou que existem cultivares de azevém-anual que podem ser até dez vezes mais produtivos quando utilizados no regime de manejo recomendado pela Epagri. A Epagri indica o uso de piquetes para subdivisão de pastagens e outras práticas de manejos que aumentam a produtividade, rentabilidade e sustentabilidade dos sistemas pecuários.

A equipe testou o cultivar de azevém-anual tetraploide *Winter Star* por dois anos. “Nesse período, obteve-se um rendimento em torno de dez vezes maior que a produtividade alcançada em regime de pecuária extensiva, o que demonstra que, com uso de tecnologia e manejo correto da pastagem, a bovinocultura de corte tem potencial para grandes avanços de produtividade, tornando-se competitiva com outras atividades, além de enfrentar riscos menores de produção e mercado”, avalia a pesquisadora Vanessa.

No primeiro ano, a lotação média foi 2,2 Unidade Animal por hectare (UA/ha). Cada UA equivale a um animal com 450kg. Naquele período foi registrado ganho de peso diário de 855g por cabe-

ça, totalizando um ganho de peso vivo por hectare de 530,8kg ou 101kg/ha/mês. No ano seguinte a lotação média foi de 3,6 UA/ha, com ganho de peso diário de 906g/cabeça, totalizando um ganho de peso vivo por hectare de 666,4kg ou 131,5kg/ha/mês. Na média dos dois anos o ganho de peso vivo por hectare foi de 598,6kg e a lotação média de 2,9 unidades animais por hectare.

Vanessa lembra que o cultivar que produz esse impacto altamente positivo na produtividade está disponível no mercado e a tecnologia de manejo de pastagens pode ser facilmente adotada pelos produtores. Ressalta ainda que existem no mercado outros cultivares de azevém-anual com os quais é possível obter resultado semelhante, especialmente tetraploides e de ciclo longo.

“Os estudos da Estação Experimental de Lages buscam orientar o pecuarista sobre qual tecnologia adotar para obter um retorno mais favorável. Em relação às sementes de pastagem, é comum que o produtor opte pela mais barata, mas essa nem sempre é a melhor opção em termos de custo-benefício”, explica Ulisses de Arruda Córdova, gerente da EEL. Ele esclarece que com base nos resultados das pesquisas da Epagri o agricultor pode tomar uma decisão mais acertada na hora de adquirir sementes de forrageiras. ■

